



A juventude rebelde volta à cena: o movimento anti-CPE na França e os discursos da mídia brasileira¹

Ana Julia Cury de Brito Cabral²

Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro – ECO/UFRJ

O movimento antiglobalização tem chamado insistentemente a atenção para um grupo social que parecia ter ficado esquecido nos utópicos anos 1960: a juventude. Desde a manifestação de Seattle de 1999, liderada por rostos jovens e rebeldes, os movimentos sociais de juventude voltaram a aparecer de forma constante nos diversos cenários mundiais da luta contra a globalização neoliberal. E, conseqüentemente, voltaram a protagonizar reportagens e fotos em diversos meios de comunicação ao redor do mundo. O novo destaque da rebeldia jovem pode – e deve – se transformar em fonte de pesquisa e estudo para uma teoria crítica preocupada com a dinâmica das mudanças sociais e das disputas por hegemonia.

Um dos momentos de maior impacto do retorno dos jovens à militância foi, sem dúvida, o dos acontecimentos de março de 2006 na França. Os jovens universitários franceses foram às ruas pedir o cancelamento do CPE³ – Contrato do Primeiro Emprego – que, caso fosse implementado, significaria mais um passo rumo ao processo de precarização das relações trabalhistas. Com o apoio de forças sociais importantes, como os sindicatos dos trabalhadores de transportes, os jovens universitários franceses movimentaram a cena política local e perturbaram as autoridades e as instituições: montaram barricadas e houve enfrentamentos diretos com a polícia.

O desfecho da luta foi a vitória dos jovens, que, apoiados por grande parte dos sindicatos e por 70% da população, conseguiram uma greve dos transportes, dos bancos

¹ Trabalho apresentado ao GT Comunicação, cultura e poder do I CONECO – Congresso de Estudantes de Pós-graduação em Comunicação do Rio de Janeiro.

² Ana Julia Cury de Brito Cabral graduou-se em Comunicação Social (Radialismo) pela Escola de Comunicação da UFRJ em 2004. É mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura – linha Mídia e Mediações Socioculturais – da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

³ O CPE (*Contrat du Première Embauchement*) permitiria aos empregadores demitir os jovens de até 26 anos sem justa causa durante os dois primeiros anos de trabalho. O CPE foi uma resposta do governo francês à rebelião da juventude de descendência imigrante, conhecida como revolta das *banlieues*, que incendiou milhares de automóveis em outubro e novembro de 2005 em protesto contra o desemprego e as miseráveis condições de vida.



e das escolas, o que exigiu uma atitude do governo francês. O presidente Jacques Chirac e seu primeiro-ministro, Dominique de Villepin, voltaram atrás e desistiram do CPE – não sem antes tentar uma negociação dos termos do contrato que não foi aceita pelo movimento.

Essa reação dos jovens universitários pode ser compreendida como uma espécie de extensão de outros acontecimentos que assustaram a França nos meses de outubro e novembro de 2005. Naquele período, jovens descendentes de imigrantes das periferias de grandes cidades francesas, e depois da província, protagonizaram uma série de ataques e rebeliões, depredando bens de propriedade de civis e do governo. Incendiaram carros, destruíram prédios e saquearam lojas. Essa revolta aparentemente inusitada refletia uma situação de degradação social profunda: o desemprego entre os jovens descendentes de imigrantes atingia naquele momento a cifra de 40% na França.

As revoltas das periferias francesas rapidamente se espalharam e atingiram a Bélgica e a Alemanha, onde ações semelhantes, promovidas por descendentes de imigrantes vivendo na marginalidade, assustaram a população civil e as autoridades. Os governos e a mídia, em sua grande parte, responderam com o mesmo discurso: tratava-se de uma questão de diferenças culturais que poderia ser resolvida com pequenos ajustes que facilitassem a inserção daqueles jovens em seus novos ambientes culturais. Com raras exceções, não se tratou a questão como um problema de ordem social, isto é, de uma sociedade capitalista neoliberal que não consegue, nem mesmo nos países do mundo desenvolvido, absorver a mão-de-obra disponível (AGUITON, 2002).

Contudo, os movimentos de março de 2006 na França vieram mostrar, de certo modo, que a questão da precarização do trabalho e suas conseqüências não se restringem aos descendentes de imigrantes ou às periferias. Elas atingem também, de modo inevitável, os filhos das classes médias, que foram às ruas lutar pelos direitos adquiridos ao longo de anos de luta dos trabalhadores em todo o mundo, e conseguidos durante o período em que, tendo em vista a oposição socialista, o Estado de Bem-estar Social se firmou como modelo político – e econômico – predominante em grande parte do mundo ocidental.

Por ser ainda bastante recente, esse acontecimento traz obstáculos a uma tentativa de análise histórica ou sociocultural mais profunda. No entanto, a partir de uma breve observação de reportagens publicadas na mídia impressa e na Internet, é possível desenvolver algumas reflexões sobre as representações dos jovens nos meios



de comunicação, os quais se encontram dominados cada vez mais pela necessidade de uma resposta rápida – e quase sempre superficial – aos acontecimentos do mundo.

Um dos aspectos que atrai a atenção do leitor logo de início é a comparação que quase a totalidade das matérias faz entre o movimento anti-CPE e as agitações de Maio de 1968 na França. Em certo sentido, uma comparação quase inevitável, pois o cenário e os protagonistas, com uma pequena diferença de gerações, eram os mesmos. Contudo, ao mesmo tempo, uma comparação irônica, diante do fato de que nas duas últimas décadas o discurso midiático, reforçando um determinado senso comum sobre os jovens, tendia a apresentá-los como uma categoria social conformada e conformista, cujos sonhos e desejos se resumiriam às vitrines dos *shopping centers*. Um discurso, vale dizer, em consonância com a “lógica cultural” de uma época (JAMESON, 1997; KLEIN, 2002; MACIEL, 2001).

Essa comparação é sintomática também da presença ainda incômoda dos eventos de Maio de 1968 no inconsciente coletivo e, portanto, midiático. Por mais que tenha sido desprezado e considerado fracassado, o Maio de 1968 segue provocando reações e suas imagens ressurgem em um momento importante do cenário de lutas sociais contemporâneo. Apesar do cinismo declarado de muitos dos “ex-revolucionários” da época, as discussões e preocupações centrais da contracultura permanecem atuais e instigantes no seio das sociedades contemporâneas.

Com base nestas observações iniciais, pretendo desenvolver neste artigo uma breve análise das representações do movimento anti-CPE na mídia brasileira e, assim, esclarecer um pouco os significados deste evento e do papel dos jovens como figuras centrais no contexto do reaquecimento dos movimentos sociais nos últimos anos. Para isso, será enriquecedor realizar uma breve recapitulação do Maio de 1968 e de algumas análises sobre aquele movimento.

Maio de 1968: conceitos e questões

O movimento de Maio de 1968 na França, que se espalhou e teve repercussões ao redor do mundo, foi na época um acontecimento surpreendente. Pareceu demonstrar “que era possível fazer uma revolução em um país industrial avançado em condições de paz, prosperidade e aparente estabilidade política” (HOBSBAWM, 1982, p. 235). O fenômeno escapava às teorias ortodoxas sobre os desdobramentos da luta de classes no



sistema capitalista e, inesperadamente, desafiava as certezas sobre a necessidade de liderança do proletariado para que se fizesse a revolução.

O que aconteceu nos anos 1960 foi um movimento popular de base, iniciado e liderado pelos estudantes. Essa liderança, segundo Roszak (1968), poderia ser explicada por alguns fatores, dentre eles o aumento da população jovem depois de duas guerras mundiais que haviam produzido uma baixa significativa no contingente de jovens, principalmente na Europa, mas também dos EUA. Além disso, os jovens pareciam “*sentir*, mais do que nunca, a potencialidade de seus números” (ROSZAK, 1968, p. 38). E esse sentimento tinha uma explicação: “Não resta dúvida de que em grande parte isto se deve ao fato de a máquina publicitária de nossa sociedade de consumo haver dedicado muita atenção ao cultivo da consciência etária, tanto dos velhos como dos jovens” (*Id. Ibid.*, p. 39).

Além disso, aquela geração de estudantes era beneficiária de hábitos educativos “complacentes” do pós-guerra. A sociedade de lazer, com altos níveis de consumo, que se estabelecera depois da 2ª Guerra Mundial, permitira à classe média prolongar a ociosidade e a disponibilidade da infância. A diferença era que, ao contrário de seus pais, aqueles jovens não estavam acostumados a se vender em troca do conforto dos bens materiais. Assim, ao encarar a entrada no mundo adulto, a perspectiva que aquela geração encontrou não lhe foi nem um pouco agradável (*Id. ibid.*).

Portanto, “em lugar de descobrir o inimigo de classes em suas fábricas, a burguesia enfrenta-o na sala de jantar, nas pessoas de seus próprios filhos mimados” (*Id. ibid.*, p. 44). A revolta de uma grande parte dos jovens naquele momento, a sua Grande Recusa do mundo adulto, seria fruto da percepção do horror do mundo pessoal e espiritual dos adultos. Da percepção de que “as vítimas do Sistema não eram só os pobres da sociedade; a classe média e a rica também eram vítimas porque suas mentes estavam mal-organizadas, malformadas, mal-orientadas etc. – de maneira que a vida neurótica e insatisfatória que as caracterizava tinha também de ser transformada” (MACIEL, 2001 p. 38). Segundo depoimento de Maciel (*Ibid.*, p. 41), participante ativo da contracultura no Brasil:

No contexto da rebelião da minha geração, no espírito de contestação que a caracterizou, o questionamento de nossa vida pessoal foi uma revolução muito importante, porque transferiu a preocupação com o pólo objetivo, com o mundo, que era uma preocupação política típica, para a preocupação com o pólo subjetivo, ou seja, com a consciência das pessoas, com a cabeça das pessoas, com a sua mentalidade, seu espírito. [...] Com a contracultura, a



contestação passa para o pólo subjetivo – e, contudo, as conseqüências no pólo objetivo são no mínimo radicais.

Contudo, como indica Hobsbawm (1982), a análise da natureza do movimento de Maio de 1968 não pode derivar somente das palavras dos próprios revolucionários. O esforço em compreender o êxito inicial e o relativamente rápido fracasso final do movimento precisa ser realizado com cautela. Segundo o autor, houve dois estágios principais na mobilização: o primeiro, entre 3 e 11 de maio, foi o da mobilização dos estudantes, diante da qual o governo do general De Gaulle recuou, e da extensão do movimento às províncias e aos operários. O segundo momento, de 14 a 27 de maio, foi o de propagação de uma greve geral espontânea, a maior da história da França e talvez do mundo. Nesse estágio, o governo tentou um acordo com os líderes dos sindicatos, que foi recusado por parte dos grevistas.

Tendo em vista a reação imediata e preocupada do governo, seria possível afirmar que somente essa segunda fase criou de fato possibilidades revolucionárias – ou, de outro modo, “criou para o governo a necessidade de uma ação contra-revolucionária” (HOBSBAWM, 1982, p. 237). A subestimação do movimento estudantil pelas autoridades o transformou num detonador efetivo para a mobilização operária. A capacidade de disseminação da rebeldia era também um elemento novo e inusitado e contribuiu de modo definitivo para o alcance daquela contestação juvenil entre outros grupos sociais⁴:

Eram transnacionais, movimentando-se e comunicando idéias e experiências através de fronteiras com facilidade e rapidez, e provavelmente estavam mais à vontade com a tecnologia das comunicações que os governos (HOBSBAWM, 1995, p. 292).

Nesse contexto, qual poderia ter sido a explicação para a manutenção de De Gaulle no poder e o conseqüente fracasso da mobilização? Para Hobsbawm (*Ibid.*), o motivo do rápido fracasso do movimento foi a inexistência de objetivos políticos, a falta de um inimigo concreto contra o qual concentrar as forças dos grupos revolucionários. A profundidade da crítica social formulada ou contida implicitamente no movimento popular deixou-o sem objetivos concretos. Seu inimigo era o “sistema”. Esse caráter

⁴ Essa capacidade de disseminação muito veloz e eficiente ganharia maior destaque ainda no contexto da Internet e de sua utilização pelos movimentos de resistência ao neoliberalismo.



antipolítico ou subpolítico do movimento foi fatal para o seu desmantelamento a curto prazo.

Apesar do apoio contingencial de sindicatos e dos operários, especialmente na França e na Itália, os estudantes não conseguiram mobilizar, com a força necessária, grupos sociais maiores. Como sua efetividade política estava em sua capacidade de agir como detonadores desses outros grupos que se inflamavam com menos facilidade, o movimento estudantil se dispersou. Mas, vale ressaltar, a falta de apoio dos operários e das forças de luta tradicionais deveu-se principalmente ao próprio contexto econômico do capitalismo de bem-estar social naquele momento histórico (especialmente nos países europeus e nos EUA):

O motivo pelo qual 1968 (...) não foi a revolução (...) era que apenas os estudantes (...) não podiam fazê-la sozinhos. (...) mas, após vinte anos de melhoria sem paralelos para os assalariados em economias de pleno emprego, revolução era a última coisa em que as massas proletárias pensavam (HOBSBAWM, 1995, 293).

Por outro lado, e mesmo levando-se em consideração sua proximidade temporal com os eventos, Roszak (1968) oferece uma outra interpretação possível para os eventos de Maio. O caráter transpolítico do inimigo – a tecnocracia⁵ – e sua capacidade de se tornar ideologicamente invisível exigia a postura radical e “introspectiva” dos revolucionários. Pois a tecnocracia não está somente relacionada ao capitalismo; ela obedece às diretrizes de eficiência industrial, de racionalidade e de necessidade do *ethos* científico. Assim, a falha dos jovens teria sido...

(...) enfrentar muito mal a publicidade deturpada com que os meios de comunicação sobrecarregaram suas experiências embrionárias [...] A imprensa decidiu que a rebelião “vende” bem. [...] O problema é novo e difícil: uma espécie de cínica asfixia da rebeldia através da publicidade contínua, e começa a parecer que para o Sistema esta arma é muito mais eficaz do que a supressão pura e simples. (ROSZAK, 1968, p. 47).

Em certa medida, esta observação de Roszak antecipou o que mais tarde seria um consenso entre ex-manifestantes e intelectuais: o sistema foi capaz de absorver a crítica ideológica e transformá-la em publicidade e propaganda para seus produtos e serviços (KLEIN, 2002). No entanto, defender somente a tese de Roszak significa

⁵ A tecnocracia é “a forma social na qual uma sociedade industrial atinge o ápice de sua integração organizacional. É o ideal que geralmente as pessoas têm em mente quando falam de modernização, atualização, racionalização, planejamento” (*Id. ibid.*, p. 19).



assegurar um poder quase onipotente ao sistema. Não se trata disso, contudo. Para Hobsbawm (1982), a realidade é que, embora usasse uma fraseologia política, o movimento não possuía objetivos políticos. Na verdade, a situação francesa não proporcionava esses objetivos unificadores. E, como ressalva o autor (*Ibid.*, p. 241):

Sem profundos descontentamentos sociais e culturais prontos a emergir ao menor estímulo, não pode haver revolução social importante. Mas sem uma certa concentração sobre objetivos concretos, embora periféricos em relação a seu propósito principal, a força de tais energias revolucionárias se dispersa.

Hoje, com o mesmo apoio dos sindicatos operários, os estudantes vão às ruas de Paris e de outras cidades da França. Mas hoje, diferentemente de 1968, eles possuem um objetivo concreto: opor-se à precarização do trabalho promovida pela economia neoliberal capitalista, que começa agora a atingir os estudantes de classe média que, até recentemente, ainda tinham seus direitos garantidos e pouco ameaçados.

Talvez a revolta dos estudantes e dos operários seja muito parecida com aquela de seus semelhantes na década de 1960. Talvez a grande diferença seja que, com o recrudescimento do capitalismo liberal e das práticas deste tipo de capitalismo, tenha se tornado muito fácil encontrar objetivos concretos contra os quais lutar. Afinal, é isso que vêm demonstrando os movimentos de Seattle a Porto Alegre (SADER, 2005; SEOANE, 2001).

A mídia brasileira e o movimento anti-CPE

O movimento contra o CPE, que aconteceu durante os meses de março e abril deste ano de 2006 na França, foi assunto de diversas notícias e reportagens na mídia brasileira e mundial. Para este trabalho, tendo em vista especialmente limites de páginas, serão utilizados como referências quatro veículos de comunicação brasileiros com filiações ideológicas variadas: a revista *Veja*, o jornal *Folha de São Paulo*, a revista *Carta Capital* e o sítio alternativo *Centro de Mídia Independente*.

Vale ressaltar que, durante a pesquisa que realizei em busca de reportagens sobre o movimento, encontrei material abundante em grandes portais da Internet no Brasil, como UOL e Terra. As notícias publicadas nesses espaços eram, contudo, exclusivamente descritivas e reproduziam informações fornecidas por agências de



notícias internacionais como a *Reuters* e a *France Press*. Não eram úteis, portanto, ao tipo de análise do discurso que é o objetivo deste trabalho.

As matérias publicadas pela revista *Carta Capital* foram reunidas ao longo do período em que as manifestações ocuparam as ruas das cidades francesas. Consistem em uma reportagem de duas páginas e em duas outras de página inteira. A matéria publicada pela revista *Veja* foi encontrada em um sítio da Internet que a reproduzia com a devida citação da fonte. Não obtive sucesso na busca que realizei no próprio sítio da revista. O sítio do jornal *Folha de São Paulo*, após a pesquisa pelo mecanismo de busca, disponibilizou três matérias sobre o tema, sendo que apenas uma delas possuía algum tipo de discurso ou representação – as outras eram exclusivamente descritivas. Já a matéria encontrada no *Mídia Independente* era bastante extensa e trazia um posicionamento bastante explícito.

A revista *Veja* foi a que esboçou a representação mais estereotipada e negativa dos jovens manifestantes. Em tom irônico, a matéria insinua que os jovens franceses são tomados por uma espécie de febre sazonal que os faz ir às ruas praguejar contra o governo e as instituições democráticas do país:

A primavera em Paris inspira grandes gestos. Os franceses preferem essa estação, mais que qualquer outra, para la révolution, tradição de grande prestígio no país. A Comuna de Paris, por exemplo, a revolta popular que inspirou Karl Marx a escrever o Manifesto Comunista, durou de março a maio de 1871. Em maio de 1968, os estudantes da Sorbonne ergueram barricadas nas ruas da capital francesa dispostos a mudar o mundo e tiveram bastante sucesso. Nas últimas duas semanas, os estudantes franceses voltaram às ruas, em ruidosas manifestações contra o governo (OS mimados de março. *Veja*, s/d).

Ao longo da matéria, a revista defende que, embora os franceses queiram ainda manter suas leis trabalhistas dos tempos do *welfare state*, em algum momento eles terão de se render às exigências do novo capitalismo global e neoliberal. Ainda que seja compreensível que os jovens queiram ter o mesmo tipo de garantia de seus pais, a sociedade francesa terá que compreender que, se continuar insistindo na manutenção de uma legislação trabalhista de caráter não-liberal, seu destino será a derrocada no *ranking* mundial dos países mais ricos do mundo. E a responsabilidade pelos altos níveis de desemprego que assolam o país é atribuída exatamente à legislação excessivamente benevolente:



O mercado de trabalho francês é um dos mais amarrados que existem. A jornada de trabalho é folgada (35 horas semanais), o salário mínimo é generoso (1 450 dólares, contra 600 na vizinha Espanha), as férias são prolongadas (seis semanas), a aposentadoria é precoce (60 anos). As demissões são raras porque a legislação trabalhista - um calhamaço com 2.500 páginas e 10 quilos - obriga as empresas a pagar indenizações entre doze e 24 meses de salário ao funcionário demitido sem justa causa. O modelo representa um peso enorme para os cofres públicos, reduz a competitividade francesa no mercado global, afasta investidores estrangeiros e inibe a criação de empregos (OS mimados de março. Veja, s/d).

A defesa do programa neoliberal prossegue, e a matéria afirma que o principal problema no caso da França é a psicologia social, e não os argumentos econômicos. Assim, de acordo com *Veja*, a sociedade francesa precisa superar a crença de que as conquistas sociais realizadas ao longo das décadas fazem parte da identidade nacional e se adaptar aos novos parâmetros da era pós-moderna.

Por fim, um outro aspecto interessante da matéria é a comparação com o Maio de 1968. A diferença entre os dois movimentos seria o fato de que agora os jovens não estão lutando por mudanças, mas pela manutenção de uma legislação existente. Assim, demonstrariam seu lado conservador e pouco receptivo às mudanças tão necessárias trazidas pelo “novo” liberalismo:

Há realmente semelhanças com o que ocorreu em 1968. [...] As diferenças, porém, são maiores. O que inspira os arroubos desta primavera não é o desejo de mudanças. Ao contrário, os estudantes franceses desta vez lutam pelo direito de ter uma vida igual à [*sic*] de seus pais. [...] “Os estudantes de 68 lutavam por mais liberdade e mudanças profundas na política, na sociedade e na cultura francesas”, disse a VEJA o economista francês Gilles Saint-Paul, da Universidade de Ciências Sociais de Toulouse. “Hoje, as reivindicações são conservadoras. Eles querem manter os direitos que marcaram a vida profissional das gerações anteriores e têm medo de mudanças.” (OS mimados de março. Veja, s/d).

Interessante notar como a possibilidade da idéia de autonomia e de lucidez dos jovens e de suas escolhas é absolutamente desconsiderada. Assim, sua recusa ao CPE é interpretada como falta de preparo para ingressar num mundo moderno e em constante mudança. Não será provável que os jovens reconheçam essas mudanças, suas origens e seus significados, mas se recusem a apoiá-las e segui-las?

A matéria do jornal *Folha de São Paulo* se posiciona de modo menos explícito em relação à polêmica, mas ao privilegiar a questão dos conflitos com a polícia não deixa de marcar sua posição ideológica. Nos primeiros três parágrafos da reportagem, as greves e o caos provocado na cidade de Paris são a questão central:



Transportes públicos, companhias aéreas, escolas públicas e privadas, correios e veículos da mídia pararam parcialmente. Até parte da indústria de turismo de Paris, a cidade mais visitada do mundo, foi afetada. Atrações como a torre Eiffel e o museu D'Orsay fecharam em razão da greve. Trens e metrô funcionaram em operação tartaruga, com vagões superlotados e confusão nos horários de pico. (VICTOR, Folha de São Paulo, 29 mar. 2006).

Na seqüência, todo o restante da reportagem é dedicado a apontar os atos bárbaros dos vândalos dos subúrbios cujo objetivo teria sido somente provocar o caos nas manifestações. Depois de realizar uma descrição detalhada, em três parágrafos, da bagunça promovida por um grupo de jovens no início da manifestação, a matéria defende que os jovens que atiram pedras e cometem atos de violência são os mesmos que participaram dos ataques das periferias de Paris no outono de 2005:

(...) os “casseurs” (bagunceiros) [...] gritavam ofensas contra o ministro do Interior, Nicolas Sarkozy, que implantou uma política linha-dura de combate à delinqüência nas periferias e no ano passado se referiu aos adolescentes suburbanos que queimaram milhares de carros como “escória”. [...] Eram esses mesmos jovens que ontem desafiavam a polícia. A tropa, superequipada, ficava postada em posição de combate e, de repente, corria em pequenas células em direção à turba, onde distribuía pancada e prendia um ou outro. Nos momentos mais agudos, atirava balas de borracha e bombas de gás lacrimogêneo (*Id. ibid.*).

Na finalização da reportagem, a matéria cita alguns entrevistados que criticam a postura violenta dos jovens dos subúrbios e que acusam de ilegítimas suas ações e os vêem como baderneiros sem motivos nem objetivos, que acabam atrapalhando a manifestação ao invés de contribuírem para o seu sucesso. E, para terminar, a fala de um entrevistado que, ao contrário da maior parte da população, crê que os franceses precisam se render ao *laissez-faire, laissez-passer*:

(...) mais de 70% da população (...) contra o CPE, por avaliar que a lei foi imposta sem discussão e que viola garantias sociais básicas. É uma idéia bem diferente da do aposentado Jacques Cadiot, 66, que não foi ao protesto, mas se queixava dos seus efeitos num café de Paris. “A lei não é o ideal, mas é claro que é muito melhor do que o que temos. Esse país não é mais uma democracia, virou uma ditadura dos sindicatos. A França não admite copiar os outros países, quer ser diferente, e assim está indo para o buraco.” (VICTOR, Folha de São Paulo, 29 mar. 2006).

Em *Carta Capital*, a matéria do dia 29 de março começa com a menção aos protestos de 1968 e às cenas que as manifestações contra o CPE trouxeram novamente à tona: os estudantes franceses em barricadas, jogando mesas nos cafés contra a polícia e



o gás lacrimogêneo pairando sobre a Rive Gauche. Para a revista, o mais interessante aspecto dos recentes acontecimentos é que “a França testemunhou um crescimento do movimento de protestos que muitos acreditavam impossível no atual mundo individualista” (SMITH, Carta Capital, p. 40). Logo em seguida, a matéria cita as palavras de um estudante de medicina: “O nosso país tem opções (...) As multinacionais francesas tiveram um lucro de 84 bilhões de euros em 2005. É um truque político tentar nos convencer de que precisamos fazer sacrifícios para que essas companhias fiquem ainda mais ricas” (*Id. ibid.*).

Por outro lado, a matéria chama a atenção para a seqüência de eventos que expressam a insatisfação dos franceses com relação às regras do neoliberalismo: primeiro, a rejeição à Constituição da União Européia no referendo de maio de 2005; depois, a revolta dos subúrbios, em outubro do mesmo ano, contra as miseráveis condições sociais. Agora, em 2006, a reação dos jovens universitários, com apoio dos sindicatos, ao processo de flexibilização das leis trabalhistas.

No entanto, afirma a matéria, as diferentes formas de tratamento destinadas aos dois protestos, o dos subúrbios e o dos universitários, apontam uma questão que pode estar além do problema social. Segundo a revista, a diferença é que “os distúrbios entre as comunidades de imigrantes, que duraram seis semanas, terminaram não por uma concessão política, mas pela intervenção brutal das tropas de choque”.

Em outra reportagem, publicada por ocasião dos enfrentamentos de outubro de 2005, o professor de Ciências Políticas da Sorbonne, Stéphane Monclaire, afirma à *Carta Capital*, alto e claro, que a França é um país racista e que:

(...) jamais houve uma política verdadeiramente de integração dessa população de imigrantes e seus descendentes. A crise que estamos atravessando agora é metassocial. “Meta”, em grego, quer dizer ao lado. Os grupos hoje incendiando o que encontram pela frente são jovens à margem da sociedade e em vias de exclusão. Vivem nos subúrbios, ao lado das cidades. Cidades onde há riqueza, emprego. Onde há o Estado, com suas funções regulares e de providência. Nos subúrbios, eles estão marginalizados porque nunca os integramos. Os esforços de integração foram tardios, ou demasiadamente parcimoniosos. E, portanto, insuficientes (CARTA. Carta Capital, s/d)

De volta ao tema do CPE, uma página de opinião da revista, assinada pelo jornalista Nirlando Beirão, discute o significado do movimento atual em comparação ao Maio de 1968. O jornalista afirma que, apesar da distância considerável entre as reivindicações pelo direito a um trabalho decente e a mobilização utópica que acreditava



na possibilidade de juntar imaginação e poder, ainda é possível perceber, ao flagrar estandartes com a imagem de Che Guevara nas ruas, um certo projeto de felicidade coletiva para além do varejo do emprego e do salário.

Por outro lado, Beirão finaliza sua crítica destacando uma outra questão, a da postura dos intelectuais diante da nova movimentação dos jovens franceses, e faz uma provocação aos velhos e desiludidos revolucionários dos anos 1960:

Curiosamente, quem tem maior dificuldade de entender o sonho é certa gente que até sonhou no passado. Por exemplo, os dândis parlapatões que se dizem *nouveaux philosophes* (o caricato Bernard-Henry Lévy na linha de frente) que em 68 choraram ao som da Internacional, pretextando a fé em Mao ou Trosky, e agora, gordos, aburguesados, tripudiam a *répétition générale*, na frieza cínica dos fracassados (BEIRÃO. Carta Capital, 29 mar. 2006, p. 51).

Na última matéria publicada sobre o tema, em 5 de abril de 2006, Carta Capital afirma que, apesar da tentativa do governo de desqualificar os protestos como mera defesa dos privilégios de universitários de classe média, o crescimento e a extensão do movimento a outros grupos sociais evidenciou a amplitude da rejeição ao CPE. Contudo, aponta a matéria, a fraqueza principal do movimento está na ausência da proposição de uma alternativa global ao modelo capitalista neoliberal. A recusa pura e simples do *status quo* não asseguraria, portanto, uma transformação efetiva da realidade.

Esta crítica é a mais freqüente com relação aos novos movimentos sociais surgidos a partir de metade da década de 1990. A ausência de um projeto global pode ser problemática, mas pode talvez significar um passo adiante na história dos movimentos sociais. As grandes questões do passado não deixam de estar presentes nas discussões, mas a proposta dos vários movimentos sociais de diferentes filiações ideológicas tem sido a de criar um mundo “contendo vários mundos” (AGUITON, 2002; KLEIN, 2003; SADER, 2005; SEOANE, 2001).

Por sua vez, a crítica do sítio Mídia Independente também traz algumas questões à tona. Segundo a matéria publicada no sítio sobre o CPE, a vitória dos estudantes e a revogação do contrato não significariam uma vitória efetiva, pois fariam parte do jogo político eleitoral francês. Assim, o grande vencedor da história seria o ministro do Interior, Nicolas Sarkozy, devido à deterioração da imagem pública do primeiro-ministro Villepin, seu concorrente na disputa dentro do partido da situação pela sucessão de Jacques Chirac.



A matéria possui um tom de manifesto e, após um longo e detalhado panorama da problemática dos sindicatos e da situação dos partidos políticos franceses hoje, termina em tom de convocatória para a revolução. O posicionamento ideológico do Centro de Mídia Independente é explícito e não há nenhum tipo de preocupação em disfarçá-lo:

Estas lutas devem fazer parte de uma estratégia mais geral das massas proletárias para varrer a ameaça da direita fascistóide, liquidar a segregação racista e a exploração capitalista e conquistar o pleno emprego para toda a classe trabalhadora, o que só é possível através dos próprios métodos da classe como a greve geral política sob o eixo de abaixo o governo Chirac e suas leis escravistas, por um governo operário revolucionário (FRANÇA. Centro de Mídia Independente, 20 abr. 2006).

Ao assumir a sua filiação ideológica, o Centro de Mídia Independente não perde credibilidade, necessariamente. Contudo, tendo em vista o tom de manifesto desta matéria, pode-se dizer que ele corre o risco de se tornar menos confiável, e até menos interessante para o leitor, na medida em que sua análise detalhada da situação é ofuscada pela manifestação apaixonada de suas idéias. Trata-se de uma questão estratégica de discurso com a qual o Centro de Mídia Independente não parece estar preocupado.

Considerações finais

A leitura crítica das matérias sobre o movimento contra o CPE teve como objetivo mostrar a variedade de discursos e representações dos jovens manifestantes na mídia. Dos meios mais conservadores aos mais alternativos, a variação das interpretações sobre o papel dos jovens na sociedade francesa e, por extensão, no mundo contemporâneo, foi significativa. Contudo, a existência de matérias sobre o assunto em toda essa gama de veículos (apesar da diferença do número de matérias e do espaço dedicado a cada uma delas em cada veículo) pode ser compreendida como um sinal da importância de estudar a juventude e suas representações no mundo atual.

Ainda é importante notar que a análise comparativa das mídias estudadas, ainda que breve e relativa a um único tema, proporcionou a possibilidade de enxergar em gradações a filiação ideológica de cada veículo. Assim, a revista *Veja* revelou-se conservadora sem pudores com relação ao movimento social dos jovens franceses. A



Folha de São Paulo, ao privilegiar determinado enfoque e não outro, mostrou também, mas de modo mais disfarçado, suas tendências conservadoras.

Por sua vez, a revista *Carta Capital*, ao explicar a crise do CPE como uma extensão de outros problemas enfrentados pela sociedade francesa recentemente, revelou sua intenção de compreender estruturalmente o movimento e de entendê-lo no contexto do mal-estar manifestado por diversos setores da sociedade francesa – e em todo o mundo – com relação à globalização neoliberal. A análise de *Carta Capital* é aquela com a qual mais me identifico, porque creio que ela procura, a partir de uma lógica complexa e dialética, entender os acontecimentos do mundo.

Por fim, a matéria do sítio *Centro de Mídia Independente* realiza uma interpretação do complexo quadro do movimento anti-CPE que se autodefine como de esquerda. Sem dúvida, a preocupação do sítio é fornecer uma visão diferente daquela predominante nas grandes empresas de comunicação brasileiras. Contudo, como foi dito anteriormente, acredito que falta à matéria do CMI maturidade. O texto, que até então era uma aula detalhada sobre os sindicatos e os partidos políticos franceses e suas complexas relações, se transforma em panfleto e manifesto – o que, sem dúvida, destoa da proposta inicial e a obscurece.

Por fim, vale notar que as diferentes representações expressam também uma variedade de posturas políticas e ideológicas acerca do tema dos movimentos sociais juvenis. O jornalismo, exercido principalmente pela classe média, não parece ser acometido de um pensamento único, como muitos querem dizer. Porém, é preciso ressaltar que os veículos que mais circulam são aqueles que, no caso deste artigo, tiveram uma postura mais conservadora em relação ao movimento anti-CPE: a revista *Veja* e o jornal *Folha de São Paulo* são bastante lidos em comparação com a revista *Carta Capital*, que tem tiragem de 63.500 exemplares. Já o sítio *Mídia Independente*, por ser uma mídia virtual, possui um número de visitas oscilante. Mas não há dúvidas que o alcance de suas reportagens é pequeno se comparado à *Veja* ou à *Folha de São Paulo*.

Bibliografia

AGUITON, Christophe. **O mundo nos pertence**. São Paulo: Viramundo, 2002.

BEIRÃO, Nirlando. La répétition. **Carta Capital**, São Paulo, 29 mar. 2006. Estilo, p. 51.



CARTA, Gianni. Falta luz, sobra fogo. **Carta Capital**, São Paulo, s/d. Nosso Mundo. Disponível em:

<http://www.cartacapital.com.br/index.php?funcao=exibirMateria&id_materia=3443>

Acesso em: 23 abr. 2006

CARTA, Mino. A falta de imaginação no poder. **Carta Capital**, São Paulo, 5 abr. 2006. A Semana, p. 21.

FRANÇA: Retirada do CPE: recuo de Chirac não significa vitória estratégica para a classe operária e a juventude. **Centro de Mídia Independente**, 20 abr. 2006.

Disponível em: <<http://www.midiaindependente.org/pt/blue/2006/04/351462.shtml>>

Acesso em: 23 abr. 2006.

GUARNACCIA, Matteo. **PROVOS** - Amsterdam e o nascimento da contracultura. São Paulo: Conrad, 2002.

HOBBSAWM, E.J. **Revolucionários**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

JAMESON, Fredric. **Pós-modernismo** – a lógica cultural do capitalismo tardio. São Paulo: Ática, 1997.

KLEIN, Naomi. **Sem logo: a tirania das marcas em um planeta vendido**. Rio de Janeiro: Record, 2002.

_____. **Cercas e janelas: na linha de frente do debate sobre globalização**. Rio de Janeiro: Record, 2003.

MACIEL, Luiz Carlos. **As quatro estações**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

OS mimados de março. **Veja**. São Paulo, s/d.

Disponível em <http://www.universia.com.br/html/noticia/noticia_clipping_cjife.html>

Acesso em 23 abr. 2006.

PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. **O que é contracultura?** – Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Brasiliense, 1988.

ROSZAK, Theodore. **A Contracultura** – reflexões sobre a sociedade tecnocrática e a oposição juvenil. Petrópolis: Vozes, 1968.

SADER, Emir. **Perspectivas**. Coleção Os porquês da desordem mundial. Mestres explicam a globalização. Rio de Janeiro: Record, 2005.

SEOANE, José; TADDEI, Emilio (org.). **Resistências mundiais: de Seattle a Porto Alegre**. Petrópolis: Vozes, 2001.

SMITH, Alex Duval. Resistência Francesa. **Carta Capital**, São Paulo, 29 mar. 2006. Nosso Mundo, p. 40.



VICTOR, Fábio. Protesto atrai ao menos 1 milhão na França. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 29 mar. 2006. Folha Mundo.

Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft2903200601.htm>> Acesso em: 14 abr. 2006.